

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Sobre o ponto de vista técnico e metodológico de um sistema de comunicação museal

Roseli de Fátima Brito Netto Barreto*

Resumo: Esse espaço, o museu, nos permitiu contribuir para a construção de outras visões de mundo, que possibilitam incluir representações, por exemplo, dos milhares de mulheres, homens e crianças que não estão e não foram as escolas, mas que povoam e palpitam nas ruas de nossas cidades.

Palavras-chave: Memória – Identidade – Museu

Abstract: This space, the museum, contribute for the construction of other world visions, that could include representations, for example, of the thousands of women, men and children that are not and had not been in schools, but fill and live in the streets of our cities.

Keywords: Memory – Identity – Museum

Os museus devem assumir, em primeiro lugar, o compromisso com a preservação da identidade local e sua difusão cultural, pois foram criados com essa intenção, ou seja, de preservar o patrimônio cultural. Devem trabalhar para atender, também, um segmento da comunidade que pode encontrar nas atividades desenvolvidas nos mesmos seus caminhos para sua valorização social e oportunidade de reciclagem e desenvolvimento cultural.

A exposição de longa duração do Museu Antropológico da UFG traz em sua concepção e processo uma nova forma de se trabalhar o patrimônio cultural da região Centro-Oeste. Não que o Museu tenha concebido sua exposição anterior (1992) de forma centralizada. Ao contrário, sempre primou pela elaboração de exposições que não fossem, apenas, contemplativas, integrando-as nas atividades de pesquisa e ensino.

O novo *sistema de comunicação museal*, implantado entre os anos de 2002 a 2006, aborda o tema *Lavras e Louvores*, inova as atividades do museu, destacando a necessidade de provocar, acerca da decodificação da identidade regional, atitudes ativas por parte dos visitantes.

¹ Museóloga – ME – Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás.



Imagem 1 – Exposição Museu Expressão de Vida. Foto: Acervo MA/UFG



Imagem 4 – Exposição de Longa Fwtc±q< Lavras e Louvores. Foto: Marcelo Perilo

A partir das indagações relacionadas às estratégias de construção da identidade e da memória regional, antropólogos buscaram, na expografia, meios que integrassem a mensagem teórica, construída nos meios acadêmicos, articulados à experiência dos especialistas do museu e na apropriação do conhecimento por parte do visitante.

A construção do projeto expográfico colocou em ação a concepção museográfica, realizada sob dois pontos de vista: *formal*, modificando-se espaços, selecionando-se e documentando-se acervos, design, programação visual, suportes expográficos, tratamento de peças etc, *conceitual*. Enfim, procurando-se alinhar a exposição com conceitos e estudos mais modernos da área da qual o acervo é testemunho.

Assim sendo, a exposição oferece meios para que o público se aproprie da mensagem e a compartilhe, mesmo que de forma subjetiva. Esses receptores, mulheres e homens, os quais, aliás, que nunca tomaram parte na decisão, concepção e execução dos processos expositivos, nem tampouco foram treinados em especialidades, trazem, questões e outras implicações teóricas e metodológicas, até então periféricas no nosso fazer museal.

Um fazer museal enraizado em noções idealizadas e culturalmente dominantes, tanto de um conhecimento científico, de verdades estabelecidas e inquestionáveis – principalmente em museus universitários e museus de ciências – quanto à noção e divulgação desse conhecimento, que compartilha este ponto de vista idealizado de ciência pura, objetiva, de conhecimentos cientificamente provados. E nos museus, conforme Lopes (1997: 5 - 12) que para uma compreensão, na realidade, afirma a autora, “distorcemos um pouco” ”simplificamos” “verdades originais”, que de outra forma “não seriam compreendidas”. Este ponto de vista culturalmente aceito incorpora, também, uma hierarquia epistemológica de poder, em cujo topo estão os “verdadeiros cientistas”, no meio os divulgadores de toda ordem,

os educadores e mesmo os historiadores, os sociólogos, antropólogos e, na base, o público, desprovido de qualquer saber ou poder.

Como os especialistas de áreas de conhecimento detêm o poder de desenhar e redesenhar as fronteiras entre o que são simplificações apropriadas e o que são distorções, todos os outros, os não especialistas, estão condenados a que seus entendimentos e suas representações da ciência sejam sempre considerados distorcidos, simplificadores, mesmo que eles repitam exatamente as afirmações que os cientistas lhes fizeram (LOPES, 1997: 13 - 16).

A exposição, então, pretende divulgar as formas de cultura e da sociabilidade e das narrativas soterradas, por meio de seu acervo coletado, quase sempre, através de pesquisas realizadas no âmbito do MA da UFG. Além de contar com objetos do acervo significativo da região, conta com recursos de linguagem de apoio, recursos sensoriais, design, etc. a partir de uma rede de trocas e de produção de conhecimentos, interdisciplinarmente construídos. Para além da divulgação de uma teoria, a proposta assegura a extroversão, conservação, informação e segurança dos objetos museológicos.

A importância desta exposição está na confluência entre instituição de pesquisa e ensino e público. Trata-se de uma experiência articulada às anteriores, onde esperamos que sua influência contamine as experiências profissionais presentes e futuras.

Referências bibliográficas:

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Lisboa: Difel. 1989.

CURY, Marília Xavier. *Exposição, concepção, montagem e avaliação*. São Paulo. ANNABLUME editora, comunicação. 2006.

FREIRE, Paulo. *Ação Cultural para a Liberdade e outros escritos*. 4.^a Edição. Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra, 1979.

LOPES, Margareth. *Ceca Annual Conference Evaluation of Education and Cultural Action Theory and Practice*. Rio de Janeiro, 1997.